

COVID-19: CASTIGO DE DEUS OU HARMONIA DA NATUREZA

COVID-19: punishment from God or harmony of nature

Henrique Mata de Vasconcelos¹

Resumo: O novo coronavírus, um mal que, entre outras tragédias e sofrimentos, tem afligido a humanidade na atualidade, desencadeia uma necessidade de retornarmos ao clássico problema do mal, que pretende compreender a sua coexistência com Deus. Assim, o propósito principal deste artigo é analisar a existência da Covid-19 e a relação, o lugar de Deus com essa situação. Para tal, temos três objetivos intermediários: (1) voltar à problemática da teodiceia, (2) investigar o seu conceito de harmonia, também presente em diversas leituras da realidade e, a partir desse princípio, (3) tentar entender o lugar de Deus diante da harmonia da natureza, ao lado de suas rupturas, como o sofrimento atual. A resposta que temos não é uma explicação da realidade do mal, como uma teodiceia, mas a tradição do lamento, na qual o Deus-Trindade sofre com a humanidade.

Palavras-chave: pandemia; o problema do mal; teodiceia; Iluminismo.

Abstract: The new coronavirus, an evil that currently has been distressing humanity along with other evils, make us return to the classic problem of evil that intends to understand its coexistence with God. Thus, the first main point of this article is to analyze the Covid-19's existence and what God has to do with it. For that, we will follow three intermediary aims: (1) to go back to the theodicy question, (2) to inquire its concept of harmony and, from that, (3) try to know the place of God before the nature's harmony, together with its ruptures as the current suffering. The answer that we get is not an explanation as a theodicy but the lament tradition, in which the Trinity God is sharing the sufferings with and of the humanity.

Keywords: pandemic; the problem of evil; theodicy; Enlightenment.

¹Doutorando em Teologia Sistemática, como bolsista da CAPES, na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, <https://orcid.org/0000-0002-4999-0397>, henriquemata97@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ao falar do terrível terremoto que atingiu Lisboa no meio do século XVIII, em 1755, Paul Tillich (1886-1965) afirma que ele “simbolizou de modo dramático as coisas que podem acontecer a qualquer momento e que nós, tão facilmente, deixamos de considerar” (TILLICH, 2010, p. 82). A atual pandemia é o terremoto de Lisboa do século XXI. Dramaticamente, está ocorrendo o que poucos consideravam possível. Como essa primeira tragédia, a qual voltaremos posteriormente, o “terremoto” Covid-19 tem chocado e afligido o mundo, com sofrimento, fatalidades e desesperanças. Nesse ambiente vital contemporâneo, como tem ocorrido desde o início do novo coronavírus, é dever de cada ciência se atentar e se ocupar da situação.

Felizmente, toda a comunidade científica, sobretudo a área da saúde, tem se dedicado dia e noite, semana após semana, em estudos e ações em prol da mitigação dessa doença, que já se faz presente há mais de um ano. Mas não somente as ciências da saúde estão envolvidas no labor em face da situação. Desde o princípio, as ciências humanas também estão produzindo inúmeras reflexões e estudos, buscando entender o problema e as suas consequências. Partimos no horizonte destas últimas, com o objetivo de tentarmos compreender, filosófica e teologicamente, a existência desse vírus e o lugar de Deus nessa realidade. Entrementes, não temos como objetivo analisar quantitativamente todas as produções das humanidades sobre a questão.

O nosso objetivo é identificar se a covid-19 é um castigo de Deus ou uma harmonia da natureza, como também o lugar do cristão dentro de uma possível resposta. Assim, o nosso recorte se dará em entorno desse objetivo e da hipótese que levantamos: embora haja uma harmonia na natureza e mesmo sendo a teodiceia uma teoria até válida, o caminho que devemos seguir diante do sofrimento e do mal é a tradição bíblica e trinitária do lamento. Nesse caminho, primeiro analisaremos a antiga problemática da teodiceia, a coexistência de Deus e do mal. Segundo, aprofundaremos em uma crença essencial da teodiceia e do Iluminismo, o conceito de harmonia. Nesses dois trajetos, utilizaremos sobretudo a leitura de Tillich acerca dessas questões, que apresenta a teodiceia dentro do horizonte do conceito de harmonia no Iluminismo. Por fim, tentaremos utilizar esse conceito

para lermos a realidade, relacionando-o à natureza. E, assim, veremos como e em que lugar está Deus situado em relação ao mal, ao sofrimento e à pandemia, como também o nosso devido lugar diante deles. Voltamos, então, necessariamente, ao clássico problema do mal.

1 Deus e o Mal

Tragédias e mazelas assolam a realidade, causando sofrimento à vida humana. Elas sempre fizeram parte da história e da existência, e sempre farão. Acontece que, como seres com uma necessidade de compreender racionalmente os motivos e sentidos dos acontecimentos e das coisas que existem, a humanidade busca e tenta entender por que o mal faz parte da sua sina terrícola. Em ambientes mais piedosos e entusiastas, fatalidades como a atual pandemia que tem devastado e atingido os habitantes humanos do planeta Terra são vistas como castigos de Deus, como o seu juízo sobre a humanidade. “Em boa parte do mundo antigo, assim como em muitas partes do mundo moderno, grandes desastres (terremotos, vulcões, incêndios, pragas) são normalmente associados à ira dos deuses. Algo ruim aconteceu? Deve ser porque ‘alguém’ está determinado a lhe causar mal” (WRIGHT, 2020b, p. 16-17). Assim, uma justificativa metafísica é colocada como causa de uma tragédia empírica. Além disso, nessa compreensão teísta, essas tragédias seriam justificadas moralmente, como uma realização da justiça divina.

Nessa linha temos uma visão sórdida de Deus, um ser vingativo que se sente no direito de infringir ao seu bel prazer os seus “pequeninos”, as suas criaturas, por quebrar as regras que ele mesmo havia imposto. Contudo, mesmo sendo a visão de uma parte considerável dos teístas, ela não é global, pois não faz parte do imaginário de todos. Mesmo assim, embora não sendo o seu causador, a simples existência de um ser divino ao lado da existência do mal o coloca sob suspeita, tanto em relação ao seu caráter quanto a sua potência.

Ao falar sobre a dor, Arthur Schopenhauer afirma que:

Se é certo que um Deus fez este mundo, não queria eu ser esse Deus: as dores do mundo dilacerariam meu coração. Se imaginássemos um demônio criador, ter-se-ia o direito de lhe censurar, mostrando-lhe a sua obra: "Como te atreves a perturbar o sagrado repouso do nada, para criares este mundo de angústia e de dores?" (s/d, p. 46).

As palavras do filósofo alemão expressam os seus próprios sentimentos frente à realidade. Num primeiro momento, ele expressa o que sentiria se fosse o artífice do mundo. Posteriormente, ele infere que por apenas criar um mundo em que há sofrimento(s), ao invés do nada, um demônio criador deveria ser censurado e confrontado.

É razoável presumir que um Deus (benigno), ao ver e presenciar as desgraças do mundo, seria no *mínimo* um espectador empático e solidário. Já um demônio criador, isto é, um Deus indiferente (e maligno), deveria ser colocado e confrontado no banco dos réus.

Por exemplo, poderíamos nos indagar, no nosso cenário atual de plena pandemia, se Deus está comovido e sofrendo empaticamente com a nossa realidade ou se seria ele o autor e/ou culpado de tanta dor e sofrimento. Ao invés de deixar o nada em paz ele criara um mundo em que inúmeras pessoas, para não dizer todos os habitantes da Terra, são atingidos e machucados por um vírus, direta ou indiretamente. Vidas de todas as faixas etárias terminando, famílias perdendo entes queridos, isto quando elas não se desvanecem inteiramente.

O arcebispo de Barcelona, Juan José Omella, conta de uma mulher comovida que, vendo o estado crítico do seu esposo na UTI, lhe perguntou por que Deus permitiu essa pandemia. Embora a pergunta o tenha perseguido posteriormente, no momento ele buscou consolar, orar e orientar a mulher em sua aflição (OMELLA, 2020, p. 44).

Lares passando por crises financeiras e até mesmo por fome, indigentes que já se encontravam jogados à sorte vão vendo a sua situação se tornar cada vez mais degradante. Políticos, que deveriam servir e cuidar de sua população, as colocam em direção ao matadouro. Diante do vírus todos nós somos pobres, e os pobres, miseráveis e desamparados. Isto porque estamos apontando as aflições decorrentes de apenas um

vírus e não de todos os males que a humanidade já enfrentou, enfrenta e enfrentará.

A partir do que vimos até aqui, na busca por um porquê das contingências em que o ser humano vive o mal, num horizonte metafísico, encontramos um Deus sórdido e cruel, um demônio criador, ou um ser impotente. No entanto, é na tentativa de uma justificativa da existência de um ser poderoso, que tudo pode, sabe e vê, ao mesmo tempo em que existe o mal, que surgem teorias como a teodiceia no Iluminismo.

Nesse contexto, os teólogos do século XVIII adotaram, com o seu otimismo, uma postura teleológica (*telos* [grego]: alvo/propósito), crendo que existia um propósito de Deus na criação do mundo, e esse era que todas as coisas cooperavam para o bem do ser humano (TILLICH, 2010, p. 81).

Conforme Tillich, esses teólogos iluministas sempre descreviam o mundo mostrando

a sabedoria divina retratada num Deus maravilhosamente técnico que construía a melhor máquina possível para a glória e bem-estar do homem. Com esse mesmo propósito criara a lua e o sol. Cuidara para que o sol não aparecesse de noite a fim de não perturbar o sono de suas criaturas. Via-se a sabedoria e a bondade de Deus até nas menores coisas na criação do melhor dos mundos possíveis, por causa do homem. Tudo era teleológico e tinha um propósito para a raça humana. Por que não ser otimista e progressista, e fruir todas as coisas que Deus em sua sabedoria criara para o bem humano (TILLICH, 2010, p. 81)?

Entretanto, no meio do século XVIII um terremoto abalou Lisboa. Esse desastre terrível trouxe várias fatalidades. Sessenta mil pessoas vieram a óbito. Tillich afirma que essa calamidade não é tão expressiva ao ser comparada com as mazelas do século XX. Porém ela impactou profundamente a sua época, pois a Terra tinha uma população pequena e a vida humana um grande valor. “Essa catástrofe adquiriu dimensões inimagináveis numa época em que se acreditava num Deus que criara o mundo com propósito de servir os homens. Esse evento sacudiu o otimismo e o progressismo do século dezoito” (TILLICH, 2010, p. 81-82).

Nenhum período histórico é monolítico. O Iluminismo, com o seu otimismo e progressivismo, tinha como um de seus contrastes conflitivos - ou o que Tillich chama de

movimento subterrâneo - o pessimismo cósmico. Esse movimento reagia aos acontecimentos naturais que tinham proporções catastróficas. A tragédia de Lisboa, por exemplo, deixou alguns filósofos alarmados. É após ela que o romance pessimista *Cândido* é escrito pela figura clássica do iluminismo francês, Voltaire. Na sua obra, somos aconselhados a nos retirarmos ao nosso jardim e a abandonarmos os horrores da história do mundo. Esse pessimismo manteve-se presente e transformou-se em movimentos filosóficos influentes, como temos com Schopenhauer (TILLICH, 2010, p. 80-82).

Porém, conforme afirma Tillich (2010, p. 82), o progresso e o otimismo não foram abafados com o abalo sísmico. A sociedade burguesa permaneceu a progredir constantemente e a filosofia predominante do iluminismo continuou sendo otimista. É com princípio da teodicéia do filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz que esse otimismo se expressa de forma mais característica. Etimologicamente, teodicéia (*theos* [grego]: Deus; *dike* [grego]: justiça) significa justificar Deus diante das mazelas do mundo.

A obra do autor, *Ensaio de Teodicéia*, fora publicada em 1710. Nela, segundo Luciano dos Santos, o filósofo alemão buscou a resposta de duas questões para elaborar a sua teodicéia, a sua ciência/doutrina da justiça de Deus. A primeira faz-se importante para nós: “como justificar o mal no mundo frente à infinita bondade e onipotência divinas? Se Deus é bom e, tudo o que existe, existe segundo sua vontade, como pode existir o mal no mundo? [...] Se Deus existe, de onde vem o mal? Se Ele não existe, de onde vem o bem?” (SANTOS, 2017, p. 242). Para Leibniz, Deus é o criador da harmonia do cosmos. Isto é, há uma harmonia preestabelecida do universo e ela tem Deus como o seu o criador. E, o mal, não tendo um fundamento ontológico, é a desarmonia desse universo. Por isso, deve ser compreendido dentro do ambiente da criação. Ele é o obstáculo, o principal desafio da harmonia do universo, e é classificado em três tipologias. “o mal metafísico (a imperfeição do ser criado); o mal físico (o sofrimento) e o mal moral (o pecado)” (SANTOS, 2017, p. 242-243).²

2 Nessa perspectiva, o mal físico (o sofrimento) e o moral (o pecado) decorrem do metafísico, a limitação do ser.

Tillich afirma que

a teodiceia de Leibniz era, no entanto, bem mais profunda do que o uso que dela fazia a filosofia otimista do iluminismo. Achava que se Deus criasse um mundo finito, não poderia superar os limites da finitude. Deus teria que aceitar esses limites juntamente com os males daí decorrentes. Tinha que tomar esse risco. Supondo que Deus, afinal, se decidiu pela criação desse mundo, fê-lo o melhor dos mundos possíveis. [...] O que Leibniz realmente queria dizer não era que o mundo fosse totalmente bom, mas que tendo que haver mundo, este era o melhor ou, em outras palavras, o melhor mundo possível, porque Deus não poderia fazer um mundo finito que fosse ao mesmo tempo absolutamente bom. Queria dizer que a finitude carrega em si a necessidade do mal. Todos os teólogos do século dezanove vão se envolver com esse problema filosófico fundamental. Vão tratar do problema da teodiceia. O mundo criado por Deus será considerado bom, mas por causa da sua finitude, não poderá ser perfeito (2010, p. 82-83).

Como Leibniz falece antes do terremoto que abalou o século XVIII, não sabemos se tal tragédia mudaria ou não a sua teodiceia. Tampouco sabemos se ele seria tão otimista diante do que viria no século vindouro, um tempo com grandes guerras e tragédias. Porém, independentemente de concordamos com a sua perspectiva, temos em sua obra uma importante tentativa de uma teodiceia, de uma justificação de Deus quanto à existência do mal.

Segundo Tillich, seguindo Leibniz e o paradoxal conceito de harmonia iluminista, Hegel também integra à sua síntese uma interpretação da história em perspectiva de providência e teodiceia. Mesmo tendo contradições na realidade e apesar dos caprichos e da irracionalidade que os indivíduos possuem, “o fim último da história é positivo e realizará os propósitos divinos” (TILLICH, 2010, p. 147-148). O princípio da providência é aplicado de forma secularizada em sua interpretação da história. Conforme Tillich (2010, p. 149-150),

“Hegel criou um outro conceito para tentar expressar o caráter de ‘apesar de’ de sua doutrina da história. Esse conceito era ‘a engenhosidade da ideia’, frase de sabor bastante mitológico. A engenhosidade da ideia é o artilheiro divino, digamos,

agindo por detrás dos que fazem a história, para realizar algo significativo. Com essa ideia se podem entender figuras como Hitler. Hegel aproxima-se de Lutero que entendia figuras como Átila, o huno, e os líderes turcos, durante as invasões da época da Reforma como 'máscaras de Deus'. Deus realiza o seu propósito na história por meio dessas máscaras. Trata-se de imaginário mitológico, semelhante à engenhosidade da ideia. Estou usando a palavra paradoxo no seu sentido original, grego, que quer dizer contrário a qualquer expectativa, e às crenças e opiniões comuns. A engenhosidade da ideia de Hegel e as máscaras de Deus, de Lutero, estão na mesma linha. Hegel via a história como teodiceia divina, justificando Deus em face dos horrores dessa história. Hegel achava que não há explicações fáceis para as negatividades da história. Não somos capazes de justificar Deus, mas o processo histórico o justifica. Ou melhor, Deus se justifica por meio do processo histórico apesar dos inúmeros eventos que, nesse processo, parecem contradizer o propósito divino. [...] Segundo Hegel, a vida não é possível sem a negatividade, posto que o positivo permaneceria em si numa identidade morta. Sem transformação não há vida. O constante processo da vida que sai de si e retorna para si carrega em seu interior o princípio da negatividade. Este é o aspecto mais profundo de sua teodiceia: a necessidade do negativo para a vida".

Ele assenta-se no trono divino e, assim, contempla e descreve as atividades providenciais realizadas por Deus. É assim que ele vê a autorrealização do Espírito absoluto, uma ação providencial oculta, apesar dos acontecimentos trágicos e da irracionalidade que existe na realidade e nas ações das criaturas, sobretudo das pessoas. Tillich ainda realiza uma comparação entre a crença da providência secularizada de Hegel com a dos cristãos primitivos. A tragicidade não abalava a de Hegel e as horríveis perseguições aos primeiros cristãos não os deixavam desesperados. Segundo Tillich, "só se desespera se se fala de providência em termos destituídos de paradoxo. Ao falarmos dela paradoxalmente, podemos afirmar que apesar disto ou daquilo, o mistério da vida está além de tudo o que acontece" (TILLICH, 2010, p. 148).

Ainda assim, mesmo sendo onisciente, "*sabendo*" de todo o processo histórico, Hegel não percebeu e nem abordou os particulares, as contingências:

Mas, enquanto Hegel mantinha, obviamente, o paradoxo, não aceitava o mistério da mesma maneira como sempre fora aceito no cristianismo. Hegel sabia por que as coisas acontecem como acontecem. Ele sabia de que maneira se desenrolava o processo histórico. Portanto, não era capaz de perceber um importante elemento da afirmação cristã do paradoxo da providência, que era o mistério dos particulares. Nem mesmo chegou a discutir os particulares, mas achava que entendia o processo como um todo (TILLICH, 2010, 148-149).

Não obstante, assim como o conceito de harmonia é essencial em diversas leituras da realidade, também parece ser ele um caminho prospectivo para compreendermos a nossa realidade, ao lado da existência do sofrimento e da atual pandemia. Por isso nos aprofundaremos sobre esse conceito.

2 O Conceito de Harmonia

Ensaçando acerca de quatro conceitos fundamentais do Iluminismo, Tillich fala do conceito de harmonia, que segundo ele era aplicado a todas as dimensões da vida nesse movimento intelectual. Podemos ver um exemplo dessa doutrina, sobre que entraremos em suas raízes posteriormente, no pensamento de Adam Smith. Tillich afirma que é no pensamento de Smith que ela é expressa pela primeira vez de forma clara e secular:

não obstante existir a motivação do interesse pelo lucro, cada qual buscando o seu próprio lucro, no final os alvos totais da produção e do consumo serão alcançados, segundo alguma lei desconhecida. [...] Tanto o comprador como o vendedor brigam pelo lucro. Ambos se encontram no mercado, e nessa briga pelo lucro, surge um certo tipo de equilíbrio transitório que traz um lucro muito maior para a sociedade toda. Os indivíduos estão pensando apenas no benefício próprio, mas “apesar disso” a sociedade é servida (TILLICH, 2010, p. 68, 72).

Segundo Tillich (2010, p. 66), “todos os filósofos do iluminismo usaram este conceito direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente. Seus sistemas foram orientados por ele.” Em Smith, a harmonia é vista na área econômica. Mas como já vimos em Leibniz e em Hegel, essa chave de leitura também é tomada no tocante à existência do mal, à

teodiceia e à história. Ainda, com Jean-Jacques Rousseau, o princípio está presente em uma leitura acerca da política e da democracia.

Nesta dimensão podemos ver a fragilidade dessa crença. Segundo Tillich,

“se não acreditarmos nesta harmonia, a democracia não poderá funcionar, posto que a minoria não aceitaria a validade da decisão da maioria. Alguns países latino-americanos evidenciam abundantemente o que estou dizendo. Quando os militares não gostam de certa maioria democrática no poder, não demoram em instigar um golpe para derrubar o governo. Temos aí a principal característica da negação da democracia. A democracia se torna impossível sem a crença na harmonia, isto é, na validade providencial da decisão da maioria.” Na democracia, a minoria precisa reconhecer a vontade da maioria, a vontade geral. “A maioria não representa a vontade de todos, porque permanece a oposição, mas a vontade geral, a verdadeira vontade dirigida aos melhores interesses do grupo como um todo” (TILLICH, 2010, p. 68).

Em Gotthold Ephraim Lessing, quanto à educação e, em John Locke, em relação à epistemologia empirista etc. (TILLICH, 2010, p. 68-70).

No entanto, esse conceito é anterior ao Iluminismo. Na realidade, ele é secularizado no Século das Luzes. A crença na harmonia já estava presente na ideia platônica de providência, que posteriormente é assumida de forma fundamental pelo pensamento cristão, teológico e pessoal. “A vida diária do cristão é determinada em larga escala pela providência. Os cristãos comuns têm nessa fé na providência certo tipo de segurança em face das vicissitudes da existência. [Essa ideia é secularizada] em termos de harmonia” (TILLICH, 2010, p. 68-69).

Falando da crença cristã na providência, Tillich (2010, p. 67-68) afirma que ela

“não contém a noção mecânica de um Deus que tudo ordenou de uma vez e depois se retirou para o seu trono para dormir enquanto o mundo se desenvolve. Os reformadores muito escreveram contra essa ideia deformada de providência. Providência significa, ao contrário, que Deus está criando momento após momento e dirigindo a história a sua suprema realização no reino de Deus. É aí que entra o

“apesar de”. Apesar da finitude humana, apesar da sua alienação de Deus, Deus determina todos os momentos, de tal maneira que nessa trama total de bem e mal, verificada na história, o propósito divino haverá de prevalecer. A providência não se dá mecanicamente, mas dirige e orienta. Para os indivíduos, a providência significa que a qualquer instante do processo temporal, se pode andar na direção do reino de Deus. Esse conceito cristão é muito importante, tanto para a vida pessoal das pessoas religiosas, como para todos os cristãos. [...] O cristianismo afirma que apesar do pecado e do erro, sempre será possível a realização de feitos significativos na história, sob a orientação providencial de Deus”.

Uma indagação a respeito do conceito surge: a harmonia é possível e existe porque cremos nela – como afirma Tillich em relação à harmonia na democracia política e na economia – ou acreditamos nela devido à sua existência. Embora a segunda possibilidade pareça estar mais correta, o importante é que podemos ver a harmonia na realidade. Talvez ambas estejam corretas: em determinadas dimensões já há uma harmonia e, por acreditarmos nela, ela seja possível em outras. Ou talvez exista apenas uma potencialidade harmônica que é concretizada por causa da crença.

Nessa altura é importante ressaltar que no conceito de harmonia está presente a noção do “apesar de”. Isto é, uma realidade harmoniosa não é uma realidade total e exatamente consoante, idêntica, perfeita e/ou simétrica. Antes, sendo paradoxal, possui nela mesma traços contraditórios e divergentes.

Da sua etimologia e sentido, que nos é essencial, Tillich afirma que

hoje em dia o termo “harmonia” tem conotação musical, como aliás sempre teve. Mas também se deteriorou e quer dizer “bonito”, como quando falamos de uma vida familiar harmoniosa. Naturalmente, não foi nesse sentido que os grandes filósofos do iluminismo empregaram o termo. Tratava-se de um conceito paradoxal. Tinha que ser caracterizado pela expressão “apesar de”. Os antigos pitagóricos falavam de uma harmonia universal ou cósmica, apesar dos diferentes caminhos trilhados pelos indivíduos. Mas nem por isso deixavam de acreditar numa harmonia suprema. A palavra grega *cosmos*, que traduzimos por universo, queria originalmente dizer beleza e harmonia. Os pitagóricos descobriram fórmulas matemáticas para as harmonias musicais. Acreditavam na harmonia dos sons

produzidos pelo movimento das estrelas. Por isso falavam da harmonia cósmica das esferas, cada uma com seu som diferente, mas reunidas para criar sons harmoniosos. [...] Naturalmente, os pitagóricos tinham consciência da ruptura da realidade, simbolizada por eles nos números pares e ímpares. Os números ímpares eram perfeitos. São completos. Os pares podem ser divididos e são, pois, incompletos (TILLICH, 2010, p. 66-67).

Então, apesar dos pesares, o *cosmos* é uma realidade harmônica, dotada de harmonia e beleza. Dentro da existência deparamo-nos com diversas rupturas que, quando vistas mais amplamente, não prejudicam a continuação e o progresso harmônico do mundo. O *cosmos* continua se expandindo e a humanidade continua progredindo positivamente, embora haja vários pontos, acontecimentos e atitudes negativas presentes no caminho. Aliás, mesmo que o progresso humano chegue ao seu fim finito a harmonia da natureza terrestre continuará. E, mesmo com a finitude do planeta Terra e do Sol, a harmonia do universo, do *cosmos*, seguirá.

Sobre a amplitude do princípio, Tillich afirma que

depois de examinarmos todos esses aspectos do princípio de harmonia, espero que vocês entendam que quando desaparece a autoridade central sobrenatural, e permanece a individualização e outros conflitos na realidade, só se pode ter uma resposta possível tanto na religião como na cultura, na economia como na política, na epistemologia e na física que é o princípio de uma harmonia preestabelecida produzindo indiretamente o que seria produzido diretamente pela interferência divina ou intrahistórica, como se deu na igreja romana medieval por meio de sua autoridade toda unificadora. Essa autoridade sobrenatural era substituída, então, pelo princípio da harmonia. E, assim, chegamos a outra questão: "E se a harmonia não der certo?". [...] Ainda se encontra entre a maioria de nossos intelectuais este tipo de otimismo paradoxal, idêntico ao conceito de harmonia. Vêmo-lo no marxismo e nos seguidores de Freud, no humanismo democrático comum e em tudo o que se chama de liberalismo na economia e na política. Contudo, já não é o mesmo que se via no século dezoito. Muitas coisas aconteceram desde então (TILLICH, 2010, p. 71).

Conforme Tillich (2010, p. 70-71),

“temos no protestantismo um conceito religioso equivalente a esse conceito de harmonia. Para os protestantes, a religião ou o cristianismo não precisava de uma autoridade central para dar respostas a todas as perguntas; não precisava de concílios nem de papas. Por outro lado, a existência de concílios expressava o princípio de harmonia, pois se acreditava que a opinião da maioria no concílio expressava o Espírito Santo. Naturalmente, o protestantismo tinha a sua autoridade, mais tarde chamada de princípio formal, que era a Bíblia. A ideia de que a Bíblia pode provocar determinado impacto nos seus leitores por meio do Espírito divino expressava o princípio da harmonia. O princípio da harmonia agia por detrás dos leitores da Bíblia, possibilitando a harmonia universal e a existência da igreja. Apesar das inúmeras denominações diferentes e dos conflitos teológicos existentes, ainda se crê num único protestantismo. Não há, certamente, uma forma visível de unidade, não obstante o Conselho Mundial de Igrejas; o protestantismo permanece dividido. Mas qualquer um pode distinguir o protestantismo dos ortodoxos orientais, do catolicismo romano, do humanismo e de outras religiões. Existe certo tipo de unidade. Essa crença expressa o princípio da harmonia, embora sempre acompanhada da qualificação presente nas palavras ‘apesar de’”.

Como pudemos perceber, o princípio da harmonia é aplicado a diversas dimensões. Entretanto, o conceito de harmonia não deve ser limitado a apenas uma dimensão (o bem comum da humanidade, a economia, a política, a história). Antes, também podemos ver harmonias entre essas. Ele também pode ser usado para vislumbrarmos a música do cosmos, a sintonia da realidade. Isto é, há várias harmonias na realidade, microcósmicas e macrocósmicas. Se tratando da Terra, a harmonia da natureza de nosso ambiente vital nos atinge diretamente e, por isso, discutiremos sobre ela, e acerca da presença de Deus nessa.

3 A Harmonia da Natureza e Deus

O conceito de harmonia se refere à dinâmica da existência real, isto é, ao modo como no tempo e no espaço diferentes tendências se reúnem harmoniosamente. Em outras palavras, apesar da arbitrariedade dos indivíduos, o fluxo universal do movimento histórico é positivo e significativo; [A harmonia é] movimento dinâmico (TILLICH, 2010, p. 72).

Encontra-se na natureza uma harmonia dinâmica. Embora pareça e normalmente pensamos, o mundo não é tão horrível (ROSLING, 2018, online). Segundo Hans Rosling (2018, online), um médico e estatístico sueco, a imagem ocidental que temos na nossa cabeça e que aparece na mídia é que tudo está ficando pior: “Guerra, violência, desastres naturais e corrupção. Os ricos ficando mais ricos, e os pobres ficando mais pobres; e, a menos que algo drástico seja feito, logo esgotaremos os recursos”.³

Entretanto, o médico sueco confronta essa imagem acerca do mundo. Na verdade, mesmo com vários desafios e muitas coisas ruins acontecendo, ele está melhorando, estamos fazendo progresso. A expectativa de vida mais que dobrou nos últimos dois séculos, a extrema pobreza tem diminuído, as crianças estão sendo vacinadas e as meninas indo à escola. Ele aponta algumas mazelas que assolam o nosso mundo, concernentes à humanidade e a natureza. Porém, o médico afirma que é muito fácil ficar sabendo das

3 Texto original: “War, violence, natural disasters, corruption. The rich are getting richer, and the poor are getting poorer; and we will soon run out of resources unless something drastic is done”. Tradução nossa.

Explicando o motivo da cosmovisão hiperdramática do ser humano, Rosling (2018, online, tradução nossa) afirma: “A minha experiência, ao longo de décadas de palestras e testes, finalmente me levou a ver que a cosmovisão superdramática vem da própria maneira que nossos cérebros funcionam. O cérebro é um produto de anos de evolução e nós estamos programados com instintos que ajudaram nossos ancestrais a sobreviverem em pequenos grupos de caçadores e coletores. Ansiamos por açúcar e gordura, que eram fontes salvadoras de energia quando a comida era escassa. Mas hoje esses anseios fazem a obesidade ser um dos maiores problemas globais de saúde. Da mesma maneira, estamos interessados em fofocas e histórias dramáticas, que eram a única fonte de notícias e informações úteis. Esse anseio por drama causa equívocos e ajuda a criar uma cosmovisão superdramática. Ainda precisamos desses instintos dramáticos para dar sentido ao nosso mundo. Se peneirássemos cada *input* [percepção] e analisássemos todas as decisões racionalmente, uma vida normal seria impossível. Assim como não devemos cortar todo o açúcar e a gordura, não devemos pedir um cirurgião para remover as partes do nosso cérebro que lidam com emoções. Porém, precisamos aprender a controlar a nossa captação dramática”.

coisas ruins que ocorrem no mundo, diferente das boas coisas, que são bem mais difíceis. Por ser lento e fragmentado para ser qualificado como notícia, existe um silêncio sobre o progresso humano. Expondo alguns dados, ele destaca que metade do mundo vivia em situação de pobreza extrema em 1966, o que caiu para 9% no ano de 2017. Só nas últimas duas décadas, a proporção de pessoas nessa situação havia caído quase pela metade.⁴ Entretanto, via enquetes realizadas online, foi constatado que nem 10% da população da maioria dos países tinham conhecimento deste dado. O médico afirma que o mundo ainda está ruim, mas que está melhor do que antes (ROSLING, 2018, online).

No atual cenário mundial, infelizmente, a pobreza extrema voltou a crescer. Segundo um estudo do Banco Mundial de 2020, “se não fosse pela Covid-19, a taxa de pobreza provavelmente teria caído para 7,9% em 2020. Com a pandemia, esse percentual ficará entre 9,1% e 9,4% da população global, semelhante ao registrado em 2017” (ONU NEWS, 2020, online). Entretanto, após a pandemia essa situação será atenuada. O ritmo dependerá das ações políticas e econômicas que serão tomadas, em níveis mundial, nacionais, estaduais, municipais e até mesmo comunitários. Com o tempo, apesar das rupturas e adversidades, a harmonia continuará, e cada vez mais conseguiremos diminuir a pobreza e a miséria. Rosling estava correto quando disse que o mundo está melhor, embora ainda esteja ruim. E não estará bom enquanto houver uma pessoa na miséria, na pobreza.⁵ Ainda assim, se fosse há um século ou mais, os sofrimentos e os frutos decorrentes desse vírus seriam bem piores. Nisso podemos ver uma harmonia.

Nosso instinto em notar o mal mais do que o bem está relacionado a três coisas: a lembrança errada do passado; as reportagens seletivas por jornalistas e ativistas; e o sentimento de que enquanto as coisas estiverem ruins, é cruel dizer que elas estão ficando melhores. Por séculos, os mais velhos têm romantizado as suas juventudes e insistido que as coisas não são o que elas costumavam ser. Bem, isso é verdade. A maioria das coisas eram piores. Essa tendência em lembrar erroneamente é agravada pelas incessantes notícias ruins de todo o mundo. Histórias sobre as melhorias graduais raramente fazem a primeira página mesmo quando elas ocorrem

4 É preciso ressaltar que a queda da pobreza extrema não é homogênea. Para mais informações sobre o problema, conferir a matéria “A pobreza está mesmo diminuindo no mundo?” (2019) de Pablo Uchoa.

5 O mesmo aplica-se em relação às outras atrocidades que ocorrem pelo mundo. Não precisamos listá-las, pois as barbaridades do mundo, por mãos da nossa espécie ou não, são de comum conhecimento.

em uma escala dramática e afetam milhões de pessoas. E graças à incessante liberdade de imprensa e desenvolvimentos tecnológicos, ouvimos mais sobre desastres do que nunca. Essa imprensa aprimorada é em si mesma um sinal do progresso humano, mas cria a exata impressão oposta. Ao mesmo tempo, ativistas e lobistas conseguem fazer com que cada imersão em uma tendência de melhoria pareça ser o fim do mundo, nos assustando com exagerações e profecias alarmistas. Nos Estados Unidos, o índice de crimes violentos tem caído desde 1990. Porém, cada vez que algo horrível e chocante acontece – basicamente todo ano – uma crise é reportada. A maioria das pessoas acredita que a violência está ficando pior. Meu palpite é que você sinta que quando estou dizendo que o mundo está ficando melhor é o mesmo que eu falar que tudo está bem e isso parece ridículo. Eu concordo. Tudo não está bem. Ainda devemos estar bem preocupados. Enquanto acidentes de avião, mortes infantis preveníveis, espécies em extinção, céticos das mudanças climáticas, machistas, ditadores loucos, lixo tóxico, jornalistas na prisão e meninas não sendo educadas, não podemos relaxar. Porém, isso é tão ridículo quanto ignorar o progresso que tem sido feito. A consequente perda de esperança pode ser devastadora. Quando as pessoas erroneamente acreditam que nada está melhorando, elas podem perder confiança em medidas que realmente funcionam (ROSLING, 2018, online).⁶

É claro que algumas coisas pioram, outras melhoram, e que temos muito o que progredir. Porém, certamente a vida humana na contemporaneidade é bem melhor do

6 Texto original: "Our instinct to notice the bad more than the good is related to three things: the misremembering of the past; selective reporting by journalists and activists; and the feeling that as long as things are bad, it's heartless to say they are getting better. For centuries, older people have romanticised their youths and insisted that things ain't what they used to be. Well, that's true. Most things used to be worse. This tendency to misremember is compounded by the never-ending negative news from across the world. Stories about gradual improvements rarely make the front page even when they occur on a dramatic scale and affect millions of people. And thanks to increasing press freedom and improving technology, we hear about more disasters than ever before. This improved reporting is itself a sign of human progress, but it creates the impression of the exact opposite. At the same time, activists and lobbyists manage to make every dip in an improving trend appear to be the end of the world, scaring us with alarmist exaggerations and prophecies. In the United States, the violent crime rate has been falling since 1990. But each time something horrific or shocking happened – pretty much every year – a crisis was reported. The majority of people believe that violent crime is getting worse. My guess is you feel that me saying that the world is getting better is like me telling you that everything is fine, and that feels ridiculous. I agree. Everything is not fine. We should still be very concerned. As long as there are plane crashes, preventable child deaths, endangered species, climate change sceptics, male chauvinists, crazy dictators, toxic waste, journalists in prison, and girls not getting an education, we cannot relax. But it is just as ridiculous to look away from the progress that has been made. The consequent loss of hope can be devastating. When people wrongly believe that nothing is improving, they may lose confidence in measures that actually work". Tradução nossa.

que em outras décadas e séculos. *Apesar de tudo, há uma harmonia no mundo, na Terra.* Até mesmo diante da nossa situação atual. Basta compararmos à nossa maneira de lidar com a pandemia e com o atual vírus com outras que já ocorreram (WRIGHT, 2020b, p. 116-117). Graças aos avanços tecnológicos e científicos, de forma inédita, a vacina da Pfizer e BioNTech foi desenvolvida e aprovada em apenas dez meses (COSTA; TOMBESI, 2020, online). Assim ela, como outras, bateram o recorde do brilhante microbiologista Maurice Hilleman (1919–2005), que havia criado a vacina mais rápida de até então, em quatro anos, contra a caxumba (GRADY, 2020, online).

Por outro lado, a própria tecnológica traz um “apesar de”. Se não fosse ela, não teríamos vacinas tão rápidas. Mas por causa dela, a epidemia se espalhou tão rapidamente no globo, tornando-se uma pandemia. Em uma interface entre a tecnologia, a natureza e a nossa humanidade, encontramos uma harmonia. A própria tecnologia possui pontos positivos e negativos, ímpares e pares.

Segundo Slavoj Žižek,

Há um paradoxo mais profundo em operação: quanto mais nosso mundo estiver conectado, mais um desastre local pode deflagrar um pavor global e, eventualmente, uma catástrofe. Na primavera de 2010, uma nuvem proveniente de uma pequena erupção vulcânica em uma geleira na Islândia (uma perturbação mínima no complexo mecanismo da vida na Terra) paralisou o tráfego aéreo em boa parte da Europa – um lembrete de como, mesmo com toda sua formidável atividade de transformar a natureza, o ser humano continua sendo somente mais uma das espécies vivas do planeta. O próprio efeito socioeconômico catastrófico de um surto tão pequeno deve-se a nosso desenvolvimento tecnológico (as viagens aéreas): um século antes, uma irrupção dessas teria passado despercebida. O desenvolvimento tecnológico nos torna mais independentes da natureza e, ao mesmo tempo, em outro patamar, mais dependentes dos caprichos da natureza. Isso vale também para a disseminação do coronavírus: se tivesse ocorrido antes das reformas de Deng Xiaoping, provavelmente nem teríamos ouvido falar dessa epidemia (2020, p. 15-16).

Ainda no princípio da doença, a teóloga Ivone Gebara já enxergava o impacto da Covid-19. Segundo ela, foi esse *vírus insignificante* que nos acordou, que nos despertou para a boa humanidade que há em nós e para duas terras, a Terra que é o nosso lar e a terra que somos. Mesmo sendo insignificante, esse vírus tem conseguido espalhar e causar terror e lágrimas, com a sua presença universal e com a sua assombrosa força de contágio. Ele conseguiu quebrar o percurso ordinário e comum, que seguíamos pela vida. Com a tragicidade dessa situação, Gebara se lembra da novela bíblica de Jó, um homem que de repente é atingido por sofrimentos corporais, por uma lepra, e perde toda a sua riqueza, os seus bens e a sua família, mesmo sendo justo. A teóloga afirma que essa história da literatura sapiencial nos mostra que nem mesmo uma pessoa justa está isenta dos sofrimentos e das perdas da morte. Semelhantemente, “o novo coronavírus, que chegou sem ser esperado, provoca dor e morte, mas também uma consciência da necessidade de outras relações entre nós e com o planeta. [...] Em um instante tudo parecia normal, e em outro tudo ficou confuso e desarmônico” (GEBARA, 2020, p. 18).

O vírus nos tornou por um instante imagem e semelhança de nós mesmos/as e imagem uns/umas dos/as outros/as, nascidos/as da Terra, terrícolas mortais. O fato é que agora não somos apenas espectadores/as das calamidades que nos mostram nas telas sobre povos distantes; somos vítimas ou possíveis vítimas do vírus cuja história acompanhamos de perto. Ninguém está preservado/a de ser a próxima conquista do vírus. E essa situação peculiar nos convida a algo mais ou menos inédito, sobretudo neste tempo de comunicação direta e instantânea. O vírus nos convida a repensar a organização de nossa vida pessoal, econômica, política, social, cultural, religiosa, como a dizer-nos que no progresso ilimitado e seletivo que construímos estão presentes as sementes de nossa própria destruição. E aí não posso deixar de pensar no mito da Torre de Babel (Gênesis, 11), construída para tocar o céu e onde todos os seus habitantes só podiam falar uma única língua. Algo aconteceu de repente, pois o vírus [sic] Deus Vida achou que não estava bom para a Terra e a torre caiu. Não há uma única lição religiosa ou teológica a sublinhar e uma única ação a tomar em tempos de peste. Que cada “mortal” humano ouça com seus ouvidos e sinta com seu coração, discuta com outros/

as, e que juntos/as tomemos algumas decisões para que a vida reequilibre suas forças em nós. [...] Não estamos sós... Viemos de longe fazendo nosso caminho, misturados/as ao pó da terra e ao pó das estrelas (GEBARA, 2020, p. 21).

Na mitologia de Babel, Deus coloca uma ruptura na vida humana, trazendo harmonia. O ser humano que pretendia ser divino, chegar ao céu, tem a sua torre destruída. E, com a separação das línguas, eles recebem cultura(s). Essa ruptura traz o ser humano à realidade. No horizonte atual, a natureza, com a sua harmonia, mostra-nos o nosso lugar. O novo coronavírus é um “apesar de” que coloca diante de nossa face a nossa força, a nossa fragilidade e a nossa semelhança como terrícolas. De súbito, a humanidade que estava em um ritmo acelerado e desenfreado, teve que parar. “Um especialista da qualidade do ar da agência espacial dos EUA (NASA) afirmou que nunca se tinha visto uma quebra tão dramática da poluição numa área tão vasta” (SANTOS, 2020, p. 7). A pandemia, um apesar da natureza, tem trazido harmonia a ela em várias frentes. A redução da poluição é um exemplo. Precisamos refletir sobre as ações da humanidade no planeta, para que não sejamos atingidos por rupturas dessa maneira. Todavia, temos também que evitar causar rupturas na natureza, pois estas podem resultar e causar outras.

Lendo a nossa situação, Žižek (2020, p. 22) faz uma inversão da obra *A guerra dos mundos* (1897). A história, escrita por H. G. Wells, narra a conquista da Terra por marcianos. A humanidade havia tentado combatê-los com todos os seus meios e recursos, mas falharam. Contudo, uma reviravolta ocorre no fim do romance. Os marcianos padecem diante de patógenos terráqueos, dos quais eles não tinham nenhuma imunidade. Conforme o narrador do romance, pelas coisas mais humildes que Deus sabiamente criou. Žižek afirma que talvez devêssemos tratar as epidemias que ameaçam dizimar a raça humana, que assola a humanidade, a partir de um olhar do avesso em relação ao romance de Wells. Ao contrário da obra, “os ‘invasores marcianos’ impiedosamente explorando e destruindo a vida no planeta somos nós mesmos, a humanidade, e, afinal, todos os dispositivos dos primatas altamente desenvolvidos para se defender de nós fracassaram” (ŽIŽEK, 2020, p. 22). Agora o que ameaça a humanidade são os vírus estúpidos, com as suas mutações e multiplicações. Somos assolados pelas criações mais humildes que Deus, sabiamente, criou (ŽIŽEK, 2020, p. 22).

Entretanto, ele também afirma que:

[...] devemos resistir à tentação de tratar a epidemia em curso como algo dotado de um significado mais profundo: como a punição cruel, porém justa da humanidade por toda a exploração implacável feita sobre outras formas de vida na Terra, ou qualquer coisa do tipo... [...] O que é realmente difícil de aceitar é que a epidemia em curso é resultado, por excelência, de uma contingência natural, que foi simplesmente algo que aconteceu e que ela não guarda nenhum outro significado mais profundo. Na ordem mais ampla das coisas, somos uma espécie sem importância (ŽIŽEK, 2020, p. 23).

Žižek está correto. Não devemos ver o novo coronavírus – ou qualquer outra forma de sofrimento físico – como uma punição justa, mesmo sendo cruel. O mal/sofrimento físico não é uma punição, um castigo infligido por um ser divino ou pela natureza. Aliás, a natureza não deve ser tratada como uma entidade metafísica, mas como a realidade finita que está diante de nós, o planeta Terra com os seus seres bióticos e abióticos. A Covid-19 e os sofrimentos fazem parte do movimento harmônico da natureza e da finitude. Algumas doenças sempre surgiram, surgem e surgirão, independente da ação humana. Porém, com um maior cuidado do nosso ambiente, outras podem ser evitadas. Devemos tentar causar menos rupturas na realidade.

Cabem aqui algumas considerações de Luciano dos Santos sobre a teodiceia:

A desordem que se possa perceber na obra divina é compensada pela harmonia do conjunto, na qual predomina a opção de Deus pelo mais belo e perfeito. O mal adquire função e se fragmenta, pois, um mal que está a serviço da harmonia universal é um mal menor, quase um bem. [...] Quando se pensa o mal em termos abstratos e gerais, é fácil discorrer a seu respeito. A questão se agrava quando se aborda o mal concreto. Leibniz opta pela teodiceia, mas nunca aterrisca no sofrimento concreto. Quanto mais teodiceia, maior grau de abstração na formulação do mal [...] O argumento de Leibniz apresenta a ausência da problematidade da dor humana. O sofrimento dotado de sentido é um mal

menor, mas há padecimentos absurdos, que não conseguimos enfeixar em um todo nem lhes dar um sentido pedagógico ou tirar proveito deles (2017, p. 246, 249, 251).⁷

O problema dessas teorias é que elas são excessivamente abstratas e não levam em conta os particulares, as contingências. Mesmo fora de uma teodiceia, que não procuramos nem desenvolver e nem defender aqui, a própria constatação da harmonia da natureza não diz nada para com àqueles e àquelas que estão em sofrimentos. Os particulares nos levam à aporia, a um estado sem respostas, ao silêncio. O oprimido, que está sofrendo, não escuta a melodia da harmonia. Dizer que doenças como o coronavírus é apenas mais uma ruptura da realidade não significa nada para o aflito.

Só nos resta encontrar algum significado e sentido da situação atual – e de outras – na nossa postura em face da maldita harmonia da natureza. A feroz realidade empírica, dotada de sofrimento, não carece de uma justificativa metafísica, mas sim de uma postura humana. Nas belas e dolorosas palavras de Viktor Frankl, sobrevivente dos campos nazistas: “se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas, o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma, do mesmo modo que o destino e a morte. Aflição e morte fazem parte da existência como um todo” (FRANKL, 2020, p. 90).

No tocante a Deus, acertadamente N.T. Wright afirma que o cristianismo não oferece – e nem é suposto oferecer – uma resposta em relação ao coronavírus. Ele afirma que alguns tolos podem tentar dizer os motivos, pois em uma cultura racionalista tudo precisa ter uma explicação. Mas indaga se não houver nenhum. Para ele, talvez, mais do que dar respostas aos racionalistas, ou um suspiro de alívio aos romancistas, sendo esses cristãos ou não, precisamos recuperar a tradição bíblica do *lamento*. O lamento ocorre quando não recebemos respostas às indagações sobre o motivo, o porquê. Ele acontece quando abandonamos as preocupações pessoais, nosso egocentrismo, e olhamos para o sofrimento do mundo de forma mais ampla. O teólogo diz que enfrentar a pandemia em uma grande cidade já é muito grave, e imagina a gravidade dela nas multidões em campos de refugiados (WRIGHT, 2020a, online).

⁷ É nesse instante, à frente do mal concreto, manifestados em situações particulares e em contingências, que as teodiceias de Leibniz e Hegel fracassam.

O biblista lembra do hinário da Bíblia, de Salmos que começam com lamento (Sl 6; 10; 13; 22, esse que é citado em agonia por Jesus na cruz), que às vezes terminam com a percepção da presença e esperança de Deus provento alento, mas não explicações. Outros vão em outras direções, como da celebração ao lamento (89), ou da miséria à escuridão (88). Segundo ele, esse último é uma palavra para esse tempo de isolamento. Ele afirma que a tradição do lamento tecida na Bíblia não é somente uma questão de frustração, tristeza, solidão e incapacidade de compreender o que está ocorrendo ou os seus motivos (WRIGHT, 2020a, online).

Então Wright chega no ponto mais importante do seu texto:

O mistério da história bíblica é que Deus também lamenta. Alguns cristãos gostam de pensar em Deus acima de tudo, sabendo tudo, no comando de tudo, calmo e impassível pelos problemas no seu mundo. Essa não é a imagem que temos na Bíblia. Conforme declara Gênesis, Deus estava entristecido em seu coração, por causa da maldade violenta de suas criaturas humanas. Ele estava devastado quando sua própria noiva, o povo de Israel, afastou-se dele. E quando Deus se voltou ao seu povo em pessoa – a história de Jesus não tem sentido a não ser que seja sobre isso – ele chorou na tumba do seu amigo. São Paulo fala do Espírito Santo “gemendo” dentro de nós, conforme nós mesmos gememos com a dor de toda a criação. A antiga doutrina da Trindade nos ensina a reconhecer o único Deus nas lágrimas de Jesus e a angústia do Espírito. Não é parte da vocação cristã, então, ser capaz de explicar o que está acontecendo e o porquê. Na verdade, é parte da vocação cristã não ser capaz de explicar – e em vez disso lamentar. Conforme o Espírito lamenta dentro de nós, nos tornamos, mesmo em nosso autoisolamento, pequenos santuários em que a presença e o amor curador de Deus podem habitar. E disso podem emergir novas possibilidades, novos atos de gentileza, novo entendimento científico e nova esperança. Nova sabedoria para nossos líderes? Aí está uma ideia (WRIGHT, 2020a, online).

Próximo disso, no seu livro acerca da pandemia, o autor afirma que

esperamos que Deus esteja, conforme diríamos, “no controle”: assumindo o controle, resolvendo os problemas, fazendo as coisas acontecerem. Mas o Deus

que vemos em Jesus é aquele que chora ante ao túmulo de seu amigo. O Deus que vemos em Jesus é o mesmo Espírito divino, que geme sem expressar palavras. O Deus que vemos em Jesus é aquele que, para demonstrar o significado de “estar no controle”, faz o trabalho de um escravo e lava os pés dos discípulos (WRIGHT, 2020b, p. 87).

Deus é “o Pai todo poderoso do Antigo Testamento [que] revela-se na cruz como o Pai ‘não-poderoso’ (J. Moingt)” (SESBOÜÉ, s/d, p. 134). Deus é Jesus, o Criador e Senhor que, retratado como o Leão Aslam na obra *As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis, é descrito com grandes lágrimas brilhando nos seus olhos ao ser suplicado por uma criança, Digory, para que salvasse a sua mãe doente. Ao olhar nos olhos de Aslam, a criança viu lágrimas que o fez sentir que o Leão sofria mais do que ele pela sua mãe (LEWIS, 2009, p. 77). Deus é o Espírito que geme quando não temos palavras e que nos traz alento (Rm 8, 26-27). A Trindade está ao lado e dentro de cada ser humano que está sofrendo e lamentando no mundo, seja por causa da Covid-19 ou de outras aflições. *As dores do mundo dilaceram o coração de Deus*. Ele sofre conosco. Nas palavras de Wright (2020b, p. 125), “parte da resposta à pergunta: ‘onde Deus está na pandemia?’ deve ser: ‘Lá, na linha de frente, sofrendo e morrendo para trazer cura e esperança”.

Assim sendo, o sentido diante do sofrimento que podemos dar à vida cristã no nosso ambiente vital pandêmico, assim como em outras épocas, está apontado na tradição bíblica. Aliás, se trata de algo além de significados, embora os sejam. É o que bem resgatou Wright no seu livro: ao invés de fazer vãs e falsas especulações sobre o suposto fim do mundo ou o motivo do sofrimento, o nosso papel é orar e lamentar, ainda que sem palavras, e agir ativamente em prol do próximo, fazendo o que é preciso e deve ser feito. Ambos são deveres cristãos que constituem a nossa missão, a nossa vocação, aos moldes de Jesus, de ser a imagem de Deus e a encarnação/presença do seu Reino. É por causa disso que o papel dos cristãos, como imagem divina, é também seguir as recomendações médicas.

Em conformidade com as palavras de Hosffman Ospino, afirmamos que é uma irresponsabilidade letal esperar por um milagre ao mesmo tempo em que se está desrespeitando as orientações da comunidade médica. Infelizmente, essa atitude é

realizada por muitos fiéis e incentivada por muitos líderes religiosos. Por isso, é imprescindível que sejamos educados quanto ao diálogo que deve existir entre a ciência e a fé. Essa educação deve começar com os líderes (2020, p. 106). Os cristãos devem aprender que não são invencíveis e que, atitudes contra a ciência e a medicina, que vão contra a vida, não são atos nem humanos e nem cristãos. A nossa postura ativa de amor, a nossa ação humana em prol dos outros, deve ser de luta e de cuidado pela prevenção e valorização da vida.

Fica claro que a tradição bíblica e trinitária do lamento é um contraponto à elaboração de teodiceias, um outro caminho diante do mal e do sofrimento e, no nosso horizonte, da pandemia desencadeada pela Covid-19. Uma ou outra teodiceia podem até ser teorias autênticas, válidas e coerentes. Porém, elas não conseguem responder e consolar o grito do aflito. Por outro lado, praticar a tradição do lamento, estar sofrendo ao lado das pessoas e do Deus-Trindade que sofre, é o lugar do cristão. Não se trata de trazer respostas, mas de lamentar diante do lamentável e chorar com os que choram.

Considerações Finais

Não temos nenhuma explicação a respeito da razão da existência do mal e do sofrimento. Muito menos encontramos qualquer motivo metafísico para a sua origem, como um causador superior. Isto é, o mal e o sofrimento não são causados por um ser divino ou por uma entidade natural. Não existe um ente conspirando contra o ser humano e o mundo. Por outro lado, podemos ver harmonias no *cosmos*. A nossa realidade é harmônica e, enquanto o ser humano não for extinto e a vida humana não findar, temos a possibilidade de escutarmos a harmonia da música do universo. Então, teremos só o silêncio. Paradoxalmente, o mal e o sofrimento é uma ruptura, um “apesar de” dessa harmonia que, mesmo assim, se mantém.

Entretanto, essas rupturas causam gritos de dor e aflição que abafam o som dessa música. Diante do sofrimento, sentindo-o na nossa pele e o percebendo na vida de outros, somos impedidos de ouvir e ver a harmonia da natureza. Diante e no sofrimento, só nos resta uma postura humana ativa, que tem a potência de nos dar sentido mesmo nas trevas, e o

lamento. Na tradição bíblica encontram-se ecos de lamentações, de clamores e gemidos em face da dura realidade. Bem mais que isso, encontramos na tradição cristã um Deus-Trindade que compartilha conosco do nosso cálice, da nossa dor, da nossa amargura. Dessa forma, o lamento – ao lado da ação ativa em prol do outro – é o caminho que se apresenta aos cristãos diante do mal e do sofrimento, da presente pandemia e de qualquer outra que surgir.

Seguindo o eco das bem-aventuranças do Sermão da Montanha (Mt 5, 1-12; Lc 6, 20-23), no nosso horizonte pandêmico, podemos proclamar:

Bem-aventurados os que lamentam pelo próximo, pois lamentam com Deus e expressam o seu amor e sofrimento. Bem-aventurados os que choram e sofrem por causa do vírus, pois serão consolados. Bem-aventurados os que foram afligidos economicamente pela pandemia, o reino de Deus é vosso. Bem-aventurados os que padeceram ou perderam entes queridos para a Covid-19, pois estão abraçados pelo Filho e pelo Espírito, pelos braços do Pai. Bem-aventurados os profissionais da saúde que dão a sua vida por outros, vós sois a encarnação de Cristo. Bem-aventurados os que foram atingidos por perturbações emocionais, pois compartilham da perturbação de Deus e alentados serão. Bem-aventurados os que anseiam por justiça, pois serão saciados. Bem-aventurados os que buscam pela paz diante de cada e toda guerra, vós sois filhos de Deus. Bem-aventurados os que foram desamparados pelos governos que deveriam cuidar dos seus povos; enxuguem as suas lágrimas e alegrem-se, perseguiram os profetas e vos abandonaram, mas o vosso galardão está em Deus.

Referências

COSTA, Camilla; TOMBESI, Cecilia. Coronavírus: Gráfico mostra tempo que humanidade levou para criar vacinas e recorde para covid-19. BBC News Brasil, 11 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55232520>. Acesso em: 11 maio 2021.

FRANKL, Viktor Emil. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 49. ed. Petrópolis; São Leopoldo: Vozes; Sinodal, 2020.

GEBARA, Ivone. Uma perspectiva teológica feminista: mostrar o inferno e prever que ele terá em breve chamadas maiores não significa necessariamente ajudar as pessoas que já vivem em outros infernos a saírem deles. *Revista Cult*, São Paulo, ano 23, ed. 257, p. 16-21, maio 2020.

GRADY, Helen. *Maurice Hilleman, o médico que criou a vacina mais rápida da história por causa da filha de 5 anos*. *BBC News Brasil*, 26 de julho de 2020. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53547623>. Acesso em: 11 maio 2021.

LEWIS, Clive Staples. *As crônicas de Nárnia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

OMELLA, Juan J. *¿Por qué Dios permite esta pandemia?* In: VV.AA. *Covid 19*. Santiago: MA Editores, 2020. p. 44-46.

ONU NEWS. *Pobreza extrema aumenta pela primeira vez em 20 anos, diz Banco Mundial*. *ONU News*, 7 de outubro de 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/10/1728962>. Acesso em: 17 set. 2021.

OSPINO, Hosffman. *Catequesis en tiempos de angustia existencial*. In: TEJO, Javier Díaz. *Después de la pandemia, ¿qué catequesis?* Providencia: Ediciones Universidad Finis Terrae, 2020. p. 102-107.

ROSLING, Hans. *Good news at last: the world isn't as horrific as you think*. *The Guardian*, 11 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/commentisfree/2018/apr/11/good-news-at-last-the-world-isnt-as-horrific-as-you-think>. Acesso em: 11 maio 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Luciano Gomes dos. *Teodiceia: a origem do mal no pensamento do filósofo Leibniz*. *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 241-252, 2017.

SESBOÛÉ, Bernard. *Pensar e viver a fé no terceiro milênio: convite aos homens e mulheres do nosso tempo*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, s/d.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A Vontade de Amar*. Ediouro, s/d. E-book. Disponível em <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/schopenhauer-a-vontade-de-amar.pdf>. Acesso em 14 abr. 2021.

TILLICH, Paul. *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX*. 4. ed. São Paulo: Aste, 2010.

UCHOA, Pablo. *A pobreza está mesmo diminuindo no mundo?* BBC News Brasil, 27 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50077214>. Acesso em: 17 set. 2021.

WRIGHT, Nicholas Thomas. *Christianity Offers No Answers About the Coronavirus. It's Not Supposed To*. Times, 29 de março de 2020a. Disponível em: <https://time.com/5808495/coronavirus-christianity/>. Acesso em: 12 maio 2021.

WRIGHT, Nicholas Thomas. *Deus e a pandemia: uma resposta cristã sobre o sofrimento e suas consequências*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020b.

ŽIŽEK, Slavoj. *Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.

Submetido em: 17 set. 2021.

Aprovado em: 19 nov. 2021.